

Contando histórias, construindo o passado: memórias da Escola Politécnica da Paraíba.

Rosilene Dias Montenegro* - UFCG

Este trabalho é um dos resultados do projeto de pesquisa “*Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande - PB*”¹. Esse projeto teve como objetivo em seu primeiro ano de funcionamento a investigação da história e memória da Escola Politécnica da Paraíba, criada em 1952, origem do Centro de Ciências e Tecnologia do *Campus II*, da UFPB, desmembrada em Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, desde em 2002. Esse Centro é conhecido no meio acadêmico como referência na formação de engenheiros eletricitas e de sistemas e computação e teve papel fundamental no desenvolvimento do pólo tecnológico da cidade de Campina Grande.

A Escola Politécnica da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande, foi a origem de uma experiência de grande sucesso na formação de engenheiros civis (de sua criação até a década de 1970), de engenheiros eletricitas (de 1963 aos dias atuais) e de profissionais na área de sistema e computação. Mas o sucesso da Escola Politécnica da Paraíba é motivo de orgulho para todos os cursos do Centro de Ciências e Tecnologia - CCT. Mesmo os que não foram alunos da Politécnica, transformada em CCT, com a reforma cêntrica implementada a partir de 1976, se orgulham de sua ligação com memorável Escola Politécnica.

Para a pesquisa da história dessa instituição foram utilizados dois tipos de fontes: a impressa² e a de registro oral. A primeira composta, sobretudo, de documentos referentes à criação, instalação da Escola Politécnica, contratação dos primeiros professores e funcionários, realização dos primeiros exames de seleção, contabilidade, relatórios destinados à inspetoria de ensino superior, atas das reuniões da Congregação,

ofícios, etc. A fonte constituída pelos registros orais da memória dessa Escola de ensino superior está sendo constituída com o desenvolvimento desse Projeto, possuindo um acervo até o momento de 22 horas e 25 minutos de gravação e um total de 360 páginas de entrevistas transcritas e revisadas. dos depoimentos de fundadores, professores, funcionários e alunos pioneiros dessa instituição. Também foram consultados as poucas publicações existentes sobre a criação da Escola Politécnica.

Na leitura da bibliografia³ sobre a Escola Politécnica da Paraíba, constata-se a criação de um mito fundador que teria sido a criação da Politécnica e sua relação com o desenvolvimento econômico e cultural da cidade de Campina Grande, particularmente. É o questionamento desse mito que temos procurado realizar. A presente análise pretende contribuir e avançar no sentido do aprofundamento da investigação desse mito e, particularmente, no conhecimento de questões de ordem política, pedagógica ou partidária e seu lugar na criação e implementação da Escola Politécnica da Paraíba.

Em nossa pesquisa constatamos a existência de uma história organizada, segundo um consenso tácito, nos parece, que busca ressaltar, acima das divergências, a importância da Politécnica para o desenvolvimento do ensino superior na cidade de Campina Grande e o crescimento econômico da região. O objetivo do presente trabalho é interrogar sobre esse consenso. Para isso, buscamos contrapor elementos apresentados nos depoimentos orais sobre a Escola Politécnica com a lógica discursiva da escassa literatura sobre o assunto. A hipótese investigada é de que duas visões se tensionavam: uma política-partidária, e outra político-acadêmica.

Na década de cinquenta, do século passado, existia na cidade de Campina Grande duas faculdades: a de Filosofia e a de Serviço Social (esta última daria origem à criação da URN – Universidade Regional do Nordeste, em 1967). Nesse período, o desenvolvimento econômico por que passava essa cidade e as tendências que se apresentavam como possibilidades de desenvolvimento no país, apontavam para a necessidade da formação de mão de obra qualificada que viesse atender as necessidades de crescimento econômico em âmbito local e nacional.

A preocupação com a criação de um curso técnico de nível superior se justifica, pois, pela especificidade histórica de Campina Grande: pólo comercial de algodão. A mais importante cidade do interior do Nordeste, à época. Os anseios por um maior desenvolvimento dessa cidade, na década de cinqüenta do século passado, deu origem a um empreendimento cultural, político e social de criação de uma instituição de ensino superior no interior do Nordeste. Esse empreendimento se fez possível graças à determinação de um grupo formado por membros da elite local: intelectuais, estudantes, políticos e empresários, que, instigados por sentimentos identitários e idéias de progresso criariam uma instituição de ensino superior que se tornaria uma das mais importantes referências na formação de engenheiros civis e eletricitas, nas décadas de 1960 e 1970.

Para a realização desse projeto participaram indivíduos de liderança, tais como, Antônio da Silva Moraes, engenheiro químico; José Marques de Almeida Junior, engenheiro químico; José Lopes de Andrade, sociólogo e professor; Milton Paiva, professor e diretor do Colégio Estadual de Campina Grande, conhecido por Colégio da Prata, em referência ao bairro em que se localiza; e, os engenheiros químicos: Valdês Cunha Cavalcanti; Austro de França Costa; Josemir de Castro; Giuseppe Gióia; Lindalvo Farias; e, Edvaldo de Souza do Ó, acadêmico em Economia, na época.

Liderados por Antônio da Silva Moraes, esse grupo mobilizou-se pela criação de um curso técnico de ensino superior e a consolidação do ensino superior na cidade de Campina Grande. Surge, desse movimento, em 06/12/1952, a Escola Politécnica da Paraíba, com o curso de Engenharia Civil, cuja qualidade de formação de seus profissionais chegou a ser reconhecida em todo o país. Essa Escola teve, após a consolidação de seu curso inicial a criação de outros cursos na área chamada exatas, de onde se destaca o curso de Engenharia Elétrica, criado em 1963. Na década de cinqüenta, liderada por Edvaldo de Souza do Ó, ocorreria, também, a criação da FACE, Faculdade de Ciências Econômicas.

Na memória da Escola Politécnica, seja ela escrita ou oral, vimos claramente dois momentos marcantes de sua existência. O primeiro refere-se ao período que

compreende de sua criação em outubro de 1952 a março de 1963; e, o segundo momento refere-se ao período de 1963 a 1976, ano da reforma cêntrica e, portanto, de sua extinção com a transformação em Centro de Ciências e Tecnologia. O primeiro momento da Politécnica é marcado pela liderança de Antônio da Silva Moraes, um de seus fundadores. O segundo momento é marcado pela liderança de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque.

O período Antônio Moraes foi o tempo da criação, de colocar para funcionar de administrar a instalação da Escola Politécnica e a busca por seu lugar definitivo: o local em que fincaria suas raízes e o tipo de atuação pedagógica que desempenharia na formação de seus alunos. Foi uma década de muito trabalho, muito empenho, determinação, idealismo, sacrifícios e grandes vitórias. A Escola foi instalada primeiramente no Colégio Estadual da Prata, onde ficou pouco tempo, tendo se mudado em seguida para o grupo escolar Sólon de Lucena, onde ficou aproximadamente seis anos, tendo se mudando definitivamente para o *campus* de Bodocongó, área em que se situa os Centros de Humanidades e o de Ciências e Tecnologia da UFCG. As bases da Escola Politécnica foram cuidadosa, caprichosamente e competentemente construídas. As bases físicas das estruturas dos prédios e as bases acadêmicas da formação dos engenheiros civis e, depois, os eletricitistas. A compreensão predominante, defendida e implementada a partir da liderança do professor Antônio da Silva Moraes, era a de que era preciso formar os melhores engenheiros da região. Para isso espelhou-se nos modelos da Faculdade de Engenharia Civil de Pernambuco e no Instituto Tecnológico da Aeronáutica – o ITA. E, nesse sentido, não permitiu a contratação professores por outros critérios que não fossem o da competência profissional. O que, certamente contrariava as práticas e as intrincadas relações sociais e políticas da época. Foi, ainda, um marco do período Antônio da Silva Moraes a relação institucional em detrimento dos compromissos políticos.

O segundo marco da Escola Politécnica da Paraíba foi o período Lynaldo Cavalcanti. Foi esse diretor o mais recorrentemente lembrado nos depoimentos sobre a Politécnica. O período Lynaldo é lembrado pelo dinamismo empreendido por sua administração. Irrequieto, de um dinamismo incomum, empreendedor, e dono de grande

visão de futuro. Lynaldo Cavalcanti promove a expansão da Politécnica, com a criação de vários cursos na área das ciências e tecnologia. É, também, do período Lynaldo a criação do Centro de Humanidades a partir da FACE- Faculdade de Ciências Sociais, incorporada a Politécnica quando de sua federalização em 1960. É do período Lynaldo o investimento em convênios estrangeiros e nacionais, a admissão de inúmeros professores estrangeiros e de outros centros de ensino superior do país, especialmente do ITA, do Estado de São Paulo, e o investimento em ações que implicavam na visibilidade da Escola Politécnica. Assim, pelas inúmeras realizações feitas em um tempo de menores dificuldades no acesso a recursos e intercâmbios, se conseguiu alcançar a qualidade e o prestígio sonhados desde a criação dessa instituição.

A tensão que é silenciada na memória escrita e oral diz respeito a esses diferentes projetos. Antônio da Silva Morais pensou a criação, instituição e consolidação da Politécnica em bases firmes, raízes profundas, sem os favores dos compromissos políticos não institucionais. Algo definitivo. Sua saída da direção da Escola Politécnica em 1963, tem relação com a tensão que se aprofundava com o crescimento de uma posição que desejava – agora em outro contexto – a expansão da Politécnica, uma relação mais dinâmica e interessada com outras instituições de ensino superior e também com a política local e, principalmente, estadual. Em meio a esse tensionamento estava em jogo a qualidade do ensino e, conseqüentemente, da formação dos alunos da Politécnica. O grupo fundador resistia a idéia de uma expansão acelerada por temor do comprometimento da qualidade de ensino e, também, dos ônus que as alianças políticas poderiam trazer à autonomia dessa instituição.

A mudança ocorreu. A expansão se realizou. A Escola Politécnica se fez nacionalmente conhecida por sua referência na qualidade de ensino. Mas as mágoas resultantes do processo de disputa interna deixaram marcas que o discurso do mito fundador, em seu desejo de harmonia e perfeição busca “esquecer”. Parece-nos que ex-professores, alunos e funcionários da Escola Politécnica preferem se entregar à sedução de uma comunidade acadêmica em comunhão total (ou idealizada).

Estamos somente entrando no segundo ano de pesquisa e temos clareza de que muito ainda está por se investigar para poder constituir a configuração desse momento histórico. Todavia, nos arriscamos em corroborar a afirmação de que criação da Escola Politécnica da Paraíba, muito provavelmente, constituiu um dos mais importantes acontecimentos da década de cinquenta e deve ter influenciado decisivamente na consolidação e expansão do ensino superior na cidade e Estado, nessa mesma década de cinquenta e nas posteriores. A história dessa instituição está, ainda, em investigação e esperamos, nos próximos encontros, ter avançado na investigação de outros fatores que nos permitirão ratificar e aprofundar o aqui exposto ou apontar o que até o momento nos é desconhecido.

* Dra. em História, pela Unicamp, Professora do Depto. de História e Geografia da UFCG. E-mail: lena.montenegro@uol.com.br

¹ Esse projeto obteve o apoio do CNPq e da Universidade Federal de Campina Grande, por meio do Programa Gestão Universitária. É coordenado pela Dra. Rosilene Dias Montenegro e possui, atualmente, 5 pesquisadores e 6 alunos de iniciação científica envolvidos em seu trabalho de pesquisa.

² No andamento da pesquisa do acervo documental da instituição verificamos as precárias condições em que esses documentos se encontram e para o registro dessa situação produzimos dois documentários audio-visuais com o objetivo de divulgarmos, para fins pedagógicos e de sensibilização dos dirigentes de nossa instituição

³ Os livros existentes sobre esse tema são: 1) LOPES, Stênio. *Campina. Luzes e Sombras*. Campina Grande, s/editora, 1989; 2) LOPES, Stênio. *Escola Politécnica de Campina Grande. Uma experiência de desenvolvimento no Nordeste*. Campina Grande: Tecnal, s/d.; e, 3) Ó, Edvaldo de Souza do. *Politécnica. Primeira Escola Superior de Campina Grande*. Campina Grande: Editora Campina Grande Ltda., s/d.